



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	-7. FEV. 1930	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Um acto de resistência?

Quem tomou parte no encontro com Maria de Lurdes Pintasilgo, anteontem levado a efeito, na Voz do Operário, não terá deixado de sentir uma forte e intensa sensação galvanizadora relativamente aos ideais do 25 de Abril e à necessidade imperiosa de salvaguardar as condições transformadoras da sociedade portuguesa. Transformação que só tem viabilidade e razão de ser no clima e nas circunstâncias que a esquerda propicia.

Muitos dos que se reuniram na velha sala da Graça experimentaram o estranho e sintomático sentimento de participar num acto de resistência. À semelhança de muitos que ali tiveram lugar antes de Abril de 1974.

Resistência a quê e a quem?

Resistência aos adversários e inimigos do 25 de Abril, da Democracia e da Liberdade. Resistência ao «sistema antigo» que aí está, dentes cerrados, garras ameaçadoras, estilo inconfundível, autoritarismo reaccionário (bem diferente da autoridade indispensável numa sociedade democrática e plural).

A pequenez do Governo Carneiro/Amaral ao pretender exonerar Maria de Lurdes Pintasilgo fez da Primeira-Ministra do V Governo um símbolo, uma vítima, um expoente. A decisão do Governo AD de peneirar e anular os últimos decretos do Executivo por ela dirigido acentuou a imagem de uma mulher cuja política se detesta, cujo projecto se abomina. Daí que Maria de Lurdes Pintasilgo se tenha visto, anteontem, erguida à situação de contrapartida e de polo oposto de um Governo cuja face direita não cessa de aumentar.

Daí também que o MFA — e o que ele representou na viragem política de Portugal — tenha entusiasticamente renascido na sala da Voz do Operário. Vasco Lourenço foi, na circunstância, a expressão, a presença, o testemunho.

A ideia de esquerda, de justiça, de liberdade não é em Portugal um mito. Tem alma e corpo, militantes, defensores abnegados.

Quando se assiste a proibições que havíamos esquecido, quando se dispersam manifestações em nome de qualquer burocracia, há cidadãos que param, abrem os olhos, interrogam-se e estremeecem. E, num trago, dão pleno sentido ao significado da palavra mudança.

O encontro da Voz do Operário foi um certo estremeecer colectivo. Uma espécie de alerta. Um toque a unir. Um tónus de resistência.